

tamente todas as idéias, podemos acreditar que, em sua origem, a sociedade dos Imortais encontrou sua revelação em suas intuições paranormais, na oração ou mesmo nos contactos com os extraterrestres. O que me interessa é pensar que existe um produto simples, obtido através do tratamento da água na presença de determinados metais, o ouro com muita probabilidade, que prolonga a vida bem além dos limites considerados normais pelos biólogos. Compreende-se que o segredo deste produto seja guardado: já existem suficientes problemas de superpopulação sem que se venha acrescentar a eles a imortalidade.

Todavia, a sociedade deve reservar este tratamento para determinados seres de um valor excepcional, como também deve poder substituir os membros que morrem por acidente. Nem mesmo um Imortal está a salvo de uma guerra, ou de um acidente de carro ou avião.

A sociedade também deve velar pela salvaguarda de seu segredo. Esta salvaguarda deve se tornar cada vez mais difícil à medida que as técnicas militares se aperfeiçoam. Antigamente, quando víamos um retrato de um homem que viveu no século XVIII se parecer bastante com o de outro do século XIV, sem que houvesse parentesco, atribuía-se isto ao acaso ou à reencarnação. Quem ficava tocado pela semelhança de determinadas assinaturas de homens separados por séculos, como por exemplo (sobretudo nas iniciais) as assinaturas de Roger Bacon e Roger Boscovitch, não insistiam. Entretanto, se encontrarmos num fichário de polícia do século XXI impressões digitais idênticas às do século XIX, perguntas serão feitas. O mesmo acontecerá com as fotografias, ainda que todos os retratos de passaporte se pareçam assim como os de jornais. Antes da guerra, o *Canard Enchainé* provou, provas

na mão, que Aga Khan, o político Albert Sarraut e o Primeiro-Ministro grego Vascencellos eram uma mesma pessoa. Realmente, a semelhança das fotografias de agência era impressionante. Se encontrarmos meios de identificação ainda melhores do que as impressões digitais: estrutura retiniana, eletro-encefalograma, e todos os seres humanos forem fichados por um computador central, este notará que determinados seres humanos sobrevivem através das idades. A menos que a sociedade secreta dos Imortais consiga um meio de desarranjar este calculador à distância. . .

Podemos nos perguntar se determinados símbolos da sociedade não correm o risco de serem identificados. A relação entre a maçã e a imortalidade é tão difundida no mundo inteiro, em todos os lugares em que este fruto existe, que mereceria um exame. Do mesmo modo, a lenda dos Imortais que estão adormecidos mas vão reaparecer talvez forneça alguns indícios. A mais clássica delas é a do rei Artur, o da Távola Redonda, que estaria dormindo em Richmond Castle, no Yorkshire. Teria sido visto. Mas também há o rei tcheco Wenzel, que dorme sob o monte Blanik; Frederico Barba Roxa, que dorme sob as montanhas de Turíngia (não posso deixar de citar uma indicação de jogo de cena de Victor Hugo, admirável pela sua ingenuidade, em *Les Burgraves*: “Mendigo, diga-me o seu nome. — Frederico Barba Roxa, imperador da Alemanha.” E a anotação de Victor Hugo é — “Espanto e assombro”. E tem razão).

Também se fala sobre o rei Marko, que dorme nas montanhas sérvias; o assaltante Dobocs, que dorme sob os Cárpatos. Também haveria os fundadores da Federação suíça, Ogier o Dinamarquês, e muitos outros.